

The book cover features a light gray background with a subtle floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. A central white rectangular area is framed by a double black border. The title 'Livro de Poemas' is centered within this white area.

Livro de Poemas

QUINHENTISMO

Poema de Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- *Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?*
- *Jazo aqui por teu pecado.*
- *Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?*
- *Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado.*
- *Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?*
- *O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.*
- *Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?*
- *Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal
me fez o teu pecado.*

BARROCO

Francisco de Vasconcelos

À fragilidade da vida

***Esse baixel nas praias derrotado Foi nas ondas
Narciso presumido; Esse farol nos céus escurecido
Foi do monte libré, gala do prado.***

***Esse nácar em cinzas desatado Foi vistoso pavão
de Abril florido; Esse Estio em Vesúvios encendido
Foi Zéfiro suave, em doce agrado.***

***Se a nau, o Sol, a rosa, a Primavera Estrago,
eclipse, cinza, ardor cruel Sentem nos auges de um
alento vago,***

***Olha, cego mortal, e considera Que és rosa,
Primavera, Sol, baixel, Para ser cinza, eclipse,
incêndio, estrago.***

ARCADISMO

Claúdio Manoel da Costa

Vila Rica

Canto VI

Levados de fervor, que o peito encerra
Vês os Paulistas, animosa gente,
Que ao Rei procuram do metal luzente
Co'as próprias mãos enriquecer o erário.
Arzão é este, é Este, o temerário,
Que da Casca os sertões tentou primeiro:
Vê qual despreza o nobre aventureiro,
Os laços e as traições, que lhe prepara
Do cruento gentio a fome avara.

ROMANTISMO

Gonçalves Dias

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

continua...

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

REALISMO

Machado de Assis

Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
Trago-te flores – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

SIMBOLISMO

Alphonsus de Guimaraens

A Catedral

Entre brumas ao longe surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Aparece na paz do céu risonho

Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsos:

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O astro glorioso segue a eterna estrada.

Uma áurea seta lhe cintila em cada

Refulgente raio de luz.

A catedral ebúrnea do meu sonho,

Onde os meus olhos tão cansados ponho,

Recebe a benção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos:

continua....

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Por entre lírios e lilases desce

A tarde esquiva: amargurada prece

Poe-se a luz a rezar.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Aparece na paz do céu tristonho

Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos:

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.

Do relâmpago a cabeleira ruiva

Vem acoitar o rosto meu.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Afunda-se no caos do céu medonho

Como um astro que já morreu.

E o sino chora em lúgubres responsos:

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

MODERNISMO

Carlos Dummond de Andrade

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

CONTEMPORÂNEO

Ferreira Gullar

Agosto 1964

Entre lojas de flores e de sapatos, bares,
mercados, butikues,
viajo num ônibus Estrada de Ferro-Leblon.
Volto do trabalho, a noite em meio,
fatigado de mentiras.

O ônibus sacoleja. Adeus, Rimbaud,
relógio de lilases, concretismo,
neoconcretismo, ficções da juventude,
adeus,
que a vida eu compro à vista aos donos do mundo.
Ao peso dos impostos, o verso sufoca,
a poesia agora responde a inquérito
policial-militar.

continua...

Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino. Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do horror,
retiramos algo e com ele
construímos um artefato
um poema
uma bandeira.

♥ Minhas Escolhas ♥

Gabe Balzan

o amor não é assintomático
e é por isso que a gente
picha muros
e é exatamente por isso
que Neruda fugiu pro mar
e é por isso que Van Gogh
cortou a orelha
e é exatamente por isso
que Bukowski teve tantas mulheres e livros
e nem me fale sobre
todas as vezes que eu não pude
conter os sintomas e escrevi.